

UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO E EXPANSÃO DO URBANO DE MOSSORÓ: DINÂMICA E CONTRADIÇÕES

AN ANALYSIS OF THE TRAINING AND EXPANSION OF THE MOSSORÓ URBAN: DYNAMICS AND CONTRADICTIONS

Jionaldo Pereira de Oliveira¹

Resumo

Este artigo mostra uma discussão que pontua aspectos, que consideramos importantes, do processo de formação espacial da cidade de Mossoró. A análise tem origem com as primeiras ocupações no espaço que hoje é o bairro Centro, ainda no final do século XVIII. De lá vieram a autonomia como freguesia, a emancipação política e a agregação de atividades econômicas e de pessoas que contribuíram para estabelecer no lugar uma reunião de fatores que lhe diferenciou regionalmente no aspecto econômico e social, mas implicou, também consequências difíceis. Estas, de ordem social, em que os indicadores de desigualdade e assimetrias socioespaciais revelam desníveis e contradições. Este conjunto de fatores (as virtudes econômicas e as contraditórias desigualdades) é importante também para colocar Mossoró no contexto nacional. Enquanto nação periférica ou subdesenvolvida, o Brasil revela claramente estes traços, independente da dimensão do espaço a que nos dedicamos a avaliar em seu território. Diante disso, podemos considerar que desde sua origem, as relações de dominação sob o comando das atividades agropecuárias, depois com o incremento da fase definida como agroindústria,

¹ Professor do Departamento de Geografia do Campus Central – Mossoró da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - jionaldo7@gmail.com

até a época pós anos 1960 denominada de terciária e que prevalece até o presente, o predomínio da desigualdade e opressão são marcantes.

Palavras chave: Produção do espaço urbano, contradições, Mossoró

Abstract

This article presents a discussion that points out aspects, which we consider important, of the process of spatial formation of the city of Mossoró. The analysis originates with the first occupations in the space that today is the district Center, still in the end of century XVIII. From there came autonomy as a parish, political emancipation and the aggregation of economic activities and people who contributed to establish in place a meeting of factors that differentiated regionally in the economic and social aspect, but also entailed difficult consequences. These, of social order, in which the indicators of inequality and socio-spatial asymmetries reveal differences and contradictions. This set of factors (the economic virtues and the contradictory inequalities) is also important to place Mossoró in the national context. As a peripheral or underdeveloped nation, Brazil clearly reveals these traits, regardless of the size of the space we are dedicated to assessing in its territory. In view of this, we can consider that since its origin, the relations of domination under the command of agricultural activities, then with the increment of the phase defined as agribusiness, until the post-1960s era tertiary and prevailing until the present, the predominance of Inequality and oppression are striking.

Keywords: Production of urban space, Contradictions, Mossoró

1 - Introdução

O urbano mossoroense tem, na sua forma e na sua dinâmica, aspectos dos processos econômicos que definiram o Brasil. É, neste sentido, um reflexo considerando que, desde sua formação como cidade na segunda metade do século XIX, este centro interagiu de diferentes maneiras com o país. Sem desconsiderar suas particularidades, podemos dizer que Mossoró tem sua força no tocante a sua condição social, econômica e política.

Todavia, é necessário entender que mesmo tendo no presente uma centralidade regional sob sua influência, em Mossoró também se nota acentuada presença de desigualdades e exclusões, sendo estes componentes responsáveis para impor na morfologia da cidade

diferenças de ocupação social. Os diferentes usos do espaço da cidade, como diz Milton Santos, permitem o entendimento de que quando ocorre a segregação de seus espaços sua separação se dá de forma até tolerada. Como ele afirma, “a capacidade de utilizar o território não apenas divide como separa os homens, ainda que eles apareçam como se estivessem juntos” (SANTOS, 1998.p. 59.).

A cidade de Mossoró tem sua formação marcada por aspectos específicos. A partir da segunda metade do século XIX, com sua emancipação política, este centro assume certa autonomia. Sua localização foi estratégica em muitos aspectos. Também é considerável a presença de mão de obra disponível. Muitos destes fatores são importantes para a afirmação espacial que lhes assegura a centralidade regional que se mantém até o presente.

2 - A formação espacial da cidade de Mossoró

O espaço urbano reflete e sintetiza, normalmente, abordagens teóricas, são produções espaciais. Quando Santos (2008a) define o espaço como condição, meio e produto da reprodução social, podemos relacionar tal conclusão à dinâmica do espaço urbano, considerando a intensidade de seus processos, principalmente na atualidade. Sua caracterização desta realidade não abdica da ênfase nos aspectos econômicos, na qual a base da explicação é a produção econômica, daí sua defesa à categoria de ‘Formação Econômica e Social’ como preponderante à teorização do espaço (SANTOS, 2008b).

Não propomos desvendar a dinâmica econômica presente na reprodução do espaço urbano, porém consideramos que a mesma pode ser preponderante nas tendências assumidas pela cidade no estágio atual do processo histórico. Estas dispõem de diferentes aspectos, condições e até modelos, sejam os referentes à pujança da produção do valor, na ordem da reprodução capitalista, e da riqueza, seja do seu oposto. Como defende Lojkine (1981), a urbanização na ordem capitalista é uma representação das formas de divisão social (e territorial) do trabalho, sendo estas formas de urbanização componentes da contradição presente no processo de exigências do progresso técnico e as leis de acumulação do capital. Assim, a urbanização deve ser considerada elemento determinante das relações de produção, principalmente pela presença do trabalho social, trabalho vivo.

A expansão urbana de Mossoró é caracterizada, entre outros aspectos, pela travessia de fases históricas que, por sua natureza, possuem diferenças na composição de seus processos, típico do fenômeno da reprodução espacial. A partir de determinado período este lugar assume certa centralidade econômica de alcance regional, a qual é determinante na sua diferenciação e formação de sua identidade. As principais ocorrências socioeconômicas, a partir de então, são derivadas de sua influência, seja no âmbito da produção e acumulação propriamente, seja no tocante aos resultados de fases negativas oriundas de crises econômicas.

Como significativa parcela das cidades sertanejas, Mossoró tem origem com a atividade pecuária (FELIPE, 1982, 2001; LINS e ANDRADE, 2001; PINHEIRO, 2008), quando um bem sucedido proprietário de terras, de nome Antonio de Souza Machado, adquire uma propriedade na ribeira do rio Apodi-Mossoró, cuja referência no presente é dada pela localização em que está a catedral de santa Luzia, padroeira local. Como se sabe, mesmo situado em região com reconhecidas limitações climáticas para atividades produtivas que envolvessem relações diretas com a terra, o sertão não deixou de participar do movimento histórico de produção econômica da região e também do país, que foi condição importante para atrair o interesse colonial português, influenciando na sua afirmação territorial. Dessa forma a formação histórica de Mossoró converge para este entendimento, quando se percebe que, a partir de determinado estágio histórico, passa a reunir condições para a formação de um lugar, centralizando e articulando relações que contribuem na produção de subsídios econômicos em que estes refletem na sua organização espacial.

A pecuária sertaneja foi importante para a formação regional nordestina, reconhecida pela produção teórica que trata da questão. Oliveira (1981), neste sentido, afirma que o crescimento da produção algodoeira e pecuária, desde o final do século XVIII, ensejou a criação do “novo Nordeste”, em comparação com a zona de produção açucareira. Ele diz que a zona algodoeiro-pecuária estava submetida às mesmas leis impostas pelo capital internacional em que a política econômica do Segundo Império e da República Velha procura manter a apropriação de parcela do produto social através da cobrança de tributos, mas se diferenciava no aspecto de que seu interesse no processo era meramente na circulação e comercialização, não na produção. Em concordância com este pensamento, entendemos que o envolvimento de Mossoró neste segmento e processo produtivo é direto. Pinheiro (2008), Elias e Pequeno (2010) e Felipe (1982) relatam que, desde seus primórdios, o pequeno povoado, depois vila, compunha a rota de boiadas vindas de várias localidades com destino principal à zona de produção

açucareira, além de, em muitos momentos, ter sido área de produção de carne de charque e local de escoamento de peles de animais pelo Porto Franco, evento que se dava também pela exportação à outros países no período do empório comercial.

Os relatos a respeito da origem do povoado descrevem que a primeira formação espacial do lugar se deu no modelo definido como ‘quadra de rua’. O povoado compunha-se de duas pequenas ruas que acompanhavam, cada uma, o a delimitação lateral da capela. Como descreve Silva (1975), do lado direito da igreja ficava a rua do Desterro, à sua frente a rua do Cotovelo. A partir daí, lentamente, o povoado agregou novas unidades habitacionais, num processo que se estende por décadas.

Com o crescimento da vila há o desejo de torná-la freguesia, o que elevaria capela à condição de matriz. Como aponta Cascudo (2001, p. 26), tal feito não significava apenas a autonomia religiosa, mas a valorização da terra, “garantindo-se para o futuro o desenvolvimento da povoação sob a regularidade distributiva dos sacramentos”. Este propósito passa a ser o interesse da coletividade. Sua conquista acontece em 22 de outubro de 1842, quando há o desmembramento de sua área da freguesia de Apodi, fato que eleva Mossoró à categoria de Matriz e incorpora-a á comarca do município de Açú.

A constituição em município ocorre através da Lei Nº 246, de 15 de março de 1852. Este fato representava a emancipação política e econômica do lugar, embora sua evolução e afirmação espaciais para justificar tal condição tem seguido a lentidão que o acompanhava historicamente até então.

Porém, os reflexos destas mudanças começam a aparecer. No ano de 1885 é promulgado o primeiro Código de Posturas do município. Constituiu-se no primeiro regulamento de conduta de uso coletivo, neste caso voltado especificamente para a localidade. Seu texto é composto de 33 artigos contendo normas que, coerente com o período histórico enfocavam predominantemente de aspectos do trabalho e de ações na atividade agropecuária.

Quanto a evolução socioespacial do período, Cascudo (op. cit.) aponta que a vila de Mossoró mantinha sua população distribuída ao longo das margens do rio, que era um recurso indispensável a vivencia social da comunidade. Para ele, ao se aceitar o cálculo de ‘2.000 fogos’, no ano de 1852, o lugar continha o número de aproximadamente 6.000 habitantes, a partir da consideração da média de três pessoas por residência.

Uma referência para as mudanças sociais, econômicas e espaciais que passariam a acontecer ocorre quando no ano de 1857 os navios da Companhia Pernambucana de Navegação Costeira passaram a aportar no Porto Franco, a partir da subvenção concedida pelo governo Provincial, sediado em Recife. A principal razão da ação foi o assoreamento do porto do município de Aracati no estado do Ceará, situado a aproximadamente 75 quilômetros de distância de Mossoró. Este fato é considerado o marco inicial do empório comercial, etapa histórica de grande influência para a evolução espacial mossoroense (FELIPE, 2001). A partir daí Mossoró assume uma centralidade regional incentivada pelo comércio e os processos produtivos que passaram a ser atraídos em razão da reunião de fatores que influenciam a nova elaboração que seu espaço fundamenta, representada pela regionalização. É considerável, a partir de então, a migração de comerciantes e interessados em trabalhar na nova praça comercial que se formava. Este contexto representa, também, a inserção de Mossoró na divisão internacional do trabalho na condição de centro de importação e exportação de mercadorias.

Como relata a literatura específica, até 1857 o crescimento espacial de Mossoró é restrito. Somente a partir desta nova etapa econômica a dinâmica local passa por novas transformações. Silva (1975, p.17), ao descrever as condições espaciais do povoado naquele momento, aponta o período que vai de 1860 a 1870 como a “década do expansionismo, de construção de casas, de armazéns e estabelecimentos comerciais”.

A Lei Nº 620, de 11 de novembro de 1870 elevava a vila de Mossoró à condição de cidade. É apontada sua expansão principalmente em razão do crescimento demográfico. A importância assumida por este centro comercial se reflete na influência regional que o mesmo exerce, cujo alcance espacial vai além da zona oeste do estado do Rio Grande do Norte, perfazendo também seu roteiro em áreas do médio e baixo rio Jaguaribe no estado do Ceará e trechos do noroeste paraibano, nas bacias dos rios do Peixe e Piancó.

Assim, o empório comercial como vetor desta nova dinâmica econômica, viabilizou o compartilhamento de ideais e valores burgueses de ordem liberal neste centro, entre outras razões devido a uma relação intensificada, a partir deste período, com outros contextos do Brasil e até do mundo. O Município, por exemplo, já era habitada por um determinado número de comerciantes e profissionais estrangeiros. Felipe (2001) enfatiza a presença de um pensamento de grande crescimento econômico local, que passou a ser comungado como ideal de modernidade. E é nesta perspectiva que se vê as mobilizações empregadas para por fim ao

trabalho escravo e construir a estrada de ferro, que seriam representações de grandes conquistas de uma elite que buscava sua diferenciação sem, no entanto, alterar a estrutura de desigualdades que permanecia.

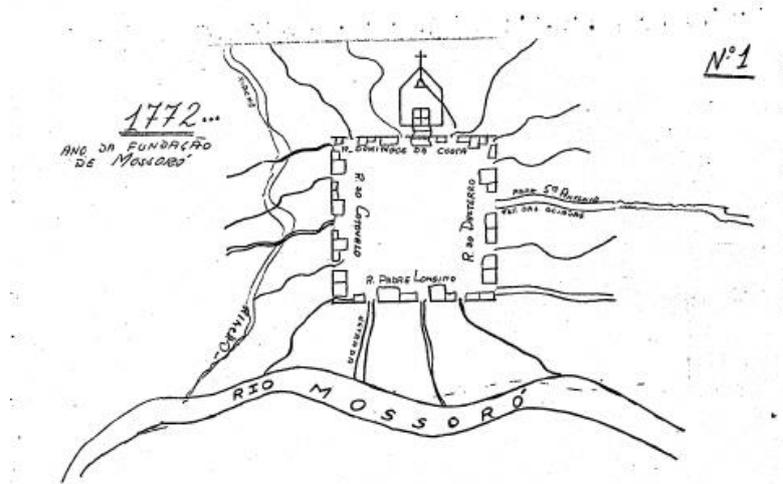
A inserção de Mossoró naquela divisão internacional e territorial do trabalho garantiu-lhes resultados econômicos que foram retratados como marcantes. A expansão urbana é representativa desta evolução.

Algumas ações realizadas pelos administradores contribuem para o entendimento do significado deste momento. Em 1871 a câmara municipal de vereadores define o nome das ruas e os números das casas. Em 1872 é inaugurado o telégrafo. Em 1873 é realizado um levantamento demográfico da cidade que revelou o seguinte resultado: 7.748 habitantes, sendo 3.966 homens e 3.782 mulheres. Do número absoluto, 7.481 são definidos como “livre” e 367 são considerados escravos. Ainda sobre os números, 18 habitantes são estrangeiros. Do total de habitantes, 1.499 pessoas sabiam ler, sendo, por isso, analfabetas, 6.299. O município possuía 1.270 fogos, isto é, residências.

Um novo Código de Posturas entra em vigor em 1881. Seguindo a tendência do que lhe antecedeu, o documento regulatório propunha o ordenamento da cidade no qual eram estabelecidos os parâmetros de estruturação física das residências e logradouros existentes, ao mesmo tempo em que trazia normas referentes aos produtos de origem agropecuária e as recomendações de postura dos moradores.

No livro “Evolução urbanística de Mossoró”, Raimundo Nonato da Silva (1975) apresenta uma sequência evolutiva dos primeiros momentos do aglomerado que se tornaria cidade. Através do esboço de croquis, é traçada uma trajetória do crescimento do povoado de ‘Santa Luzia de Mossoró’ como era mais conhecido, desde sua origem, ou seja, de 1772, até 1883, ano de referência do último esboço, nesta nossa proposta. O seguimento abaixo descreve esses momentos:

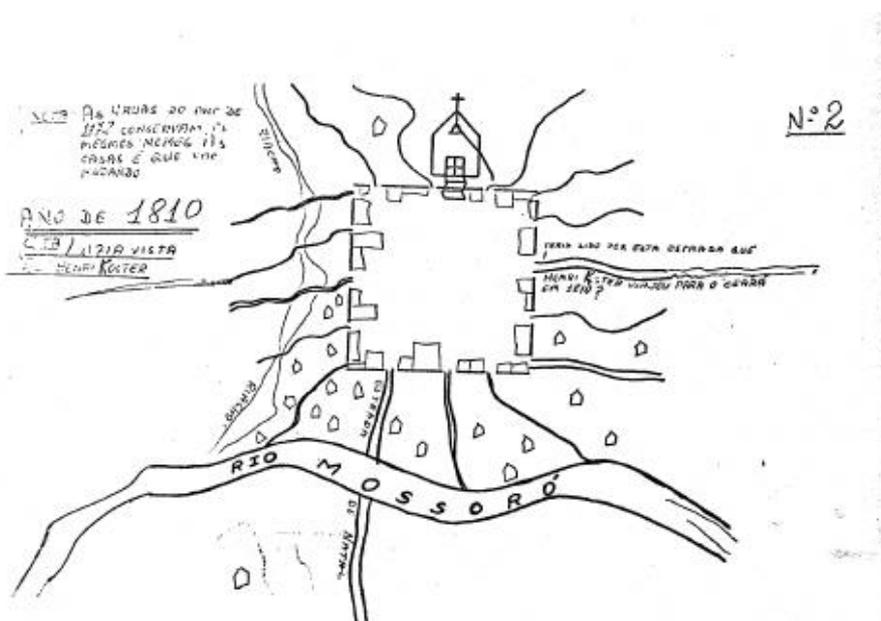
1º croqui - Mossoró 1772



Fonte: Silva, 1975

É possível notar, neste primeiro plano, a primeira organização de casas e construções que dá origem ao povoado, a qual o autor denomina de “*quadra de rua*” (SILVA, op. cit.), sua simplicidade, inclusive com a denominação das primeiras ruas, a rua do Cotovelo e a rua do Desterro. São visíveis os desenhos dos córregos que são expressos pelas linhas contínuas e o riacho ao lado da rua do Cotovelo, ao sul do povoado. No lado oposto está marcada a estrada das boiadas, no sentido norte.

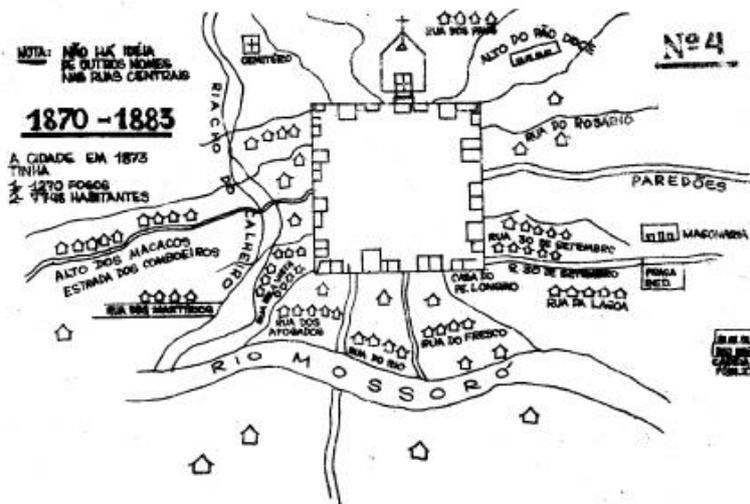
2º croqui - Mossoró 1810



Fonte: Silva, 1975

O segundo plano, acima, expressa um crescimento da área ocupada do povoado fazendo notar que a expansão do mesmo é lenta, considerando que nesta representação de 1810 já se faziam quase 30 anos de sua origem.

3º croqui - Mossoró 1883



Fonte: Silva, 1975

Este terceiro croqui, que exhibe momentos e aspectos do então ambiente urbano, fazem notar uma organização que resulta, principalmente, da emancipação política da cidade. As primeiras ruas estão denominadas, algumas praças situadas, inclusive com a presença de referências arquitetônicas construídas como o cemitério e a cadeia pública. É notória ainda a aleatoriedade da distribuição das construções, mas alguns locais que serão expressivos, com a expansão da cidade já se fazem notar, como o Alto dos Macacos, e o Alto do Pão Doce, referências para a localização de bairros que no presente possuem centralidade no âmbito urbano.

Mossoró em fases históricas específicas

A emancipação política de Mossoró em 1870 foi o resultado de um processo histórico alcançado a partir de condições específicas. Havia uma expansão econômica cujo principal

vetor era o empório comercial, o que lhes garantia a presença de uma elite que se voltava aos interesses estabelecidos de crescimento. Sua inserção na divisão territorial e internacional do trabalho tornava-a, cada vez mais, um centro com determinada expressão econômica, revelando progressiva acumulação econômica e produtiva, cujo reconhecimento se dava até na esfera internacional. Se este processo é também um feito político, os movimentos que buscavam esta reprodução econômica naquele período (segmentos sociais, empresas e negócios), já detinham capacidade de influência nos lugares desta abrangência da área de alcance de Mossoró em que atuavam. Neste sentido, quando Carlos (2001) enfatiza a importância dos processos históricos para justificar a origem da cidade e sua vinculação com os fenômenos sociais, afirma que esta cidade nasce do interesse de organização de um determinado espaço visando sua integração e independência em prol de um objetivo. É compreensível o processo, descrito por Cascudo (2001), que coaduna nos fundamentos dessa emancipação e propósitos de autonomia conduzidos pela cidade a partir de determinados momentos históricos. No tocante a constituição de Mossoró, foi feita uma articulação que envolveu significativa quantidade de segmentos sociais cujo interesse era o reconhecimento da importância do lugar e as vantagens econômicas que sua autonomia política poderia representar.

Neste sentido, se havia em Mossoró uma combinação de variáveis de tempos diferentes (SANTOS, 1997), e estas se articulavam num processo que favorecia a reprodução econômica do lugar, o propósito era fazer expandir tal dinâmica mesmo com a consideração, inevitável, das limitações inerentes ao movimento. O empório comercial, no início do século XX, já não assegurava a reprodução socioeconômica que o estágio de crescimento local carecia, demonstrada pelas demandas sociais que se constituíam.

A chegada da estrada de ferro, com sua inauguração em 1915, teve, naquele momento, a peculiaridade da limitação de sua extensão, fato que inviabilizou os propósitos iniciais daqueles que muito a idealizaram como redenção do lugar. Aliás, à sua demora se atribui uma importante razão para a decadência do empório comercial. Contudo, outros fatores contribuíram para esta decadência, como o fortalecimento econômico de outras cidades regionalmente importantes como Campina Grande, no agreste paraibano, o surgimento de novas redes de comercialização e as limitações do transporte marítimo com o surgimento de outros sistemas de transporte, como o rodoviário (ROCHA, 2005).

Com tais movimentos, ocorre a redefinição dos processos produtivos que estabelecem uma nova especialização econômica para Mossoró. A exemplo do que sucedia com outros centros de expressão regional no Nordeste brasileiro, este aperfeiçoamento produtivo foi baseada na ampliação da atividade agroindustrial, na qual houve o beneficiamento de produtos agrícolas, que convergiram para a cidade, como a semente de algodão para a produção de óleos comestíveis; extrativos, a exemplo do óleo de oiticica; cera, preparada a partir do pó retirado da palha da carnaúba; além do processamento do sal, do gesso, e da fibra do algodão, entre outras matérias primas.

A cidade, com considerável expansão do sistema produtivo industrial característico da época, na sua região de influência, se insere na nova divisão territorial e inter-regional do trabalho nacional, considerando que se torna fornecedora de matérias-primas naturais ou semi-elaboradas para a industrialização que se expandia na região sudeste do país. Com a emergência de novos sistemas de produção material, mantém-se a condição de centro regional, integrando um novo sistema de circulação e produção regionais, além de ampliar seu comércio na região de influência.

O espaço urbano passará por uma reorganização, originada, predominantemente, dessas novas tendências econômicas. Um primeiro aspecto deste momento pode ser relacionado à influência da ferrovia na composição espacial da cidade. Era comum a localização das indústrias na maior proximidade possível dos trilhos no âmbito da cidade. A linha ferroviária assume uma conotação de diretriz, para à qual a morfologia urbana rende uma obediência e muitas conversões. Como resultado é possível ainda ser observada a presença de grandes armazéns e prédios ou suas ruínas nas proximidades nos espaços em que se situavam os trilhos de circulação ferroviária, sendo também possível notar a reconfiguração ou redefinição das funções destas construções através do reaproveitamento de imóveis de um trecho de acentuado valor econômico como é o que se situa, isto é, a área central da cidade.

Outra mudança ocorreu com a construção das barragens submersíveis no leito do rio Apodi-Mossoró no perímetro urbano. Seu propósito foi garantir o abastecimento de água da população que crescia e, por consequência, não havia condições para que o açude do Saco, até então a única fonte, mantivesse o fornecimento satisfatório. A retenção das águas de chuva nessas barragens viabilizava a disponibilidade de água para muitos usos, considerando a extensão de seu alcance que era de toda a abrangência do espaço da cidade que era viabilizado

pela topografia plana e contínua do perímetro. Tudo isso porque, até o período do empório comercial, era comum o movimento de barcaças levando e trazendo mercadorias do Porto Franco, viabilizado pelo fluxo das marés oceânicas que tinha significativo alcance continental pelo canal do rio, facilitado pela topografia da Chapada do Apodi em que a região se situa. Dessa forma, com a maré alta era possível a subida das barcas conduzindo as mercadorias.

Também foi importante, nesta nova fase econômica da agroindústria, o movimento de ocupação habitacional por parte dos trabalhadores residentes na cidade, para a formação espacial local. A fase de expansão industrial fez com que a fixação dos operários no espaço da cidade assumisse determinados aspectos.

Como representação da circulação de capital oriundo da industrialização, neste período são instalados os seguintes estabelecimentos bancários e de crédito em Mossoró: Banco do Brasil, em 1918; Banco Mossoró S.A., fundado em 1937; Casa bancária S. Gurgel, com fundação em 1942;(os dois últimos de capital local) Cooperativa de Crédito Mossoroense Ltda, criado em 1951; Banco do povo S.A., 1956; Banco do Nordeste do Brasil S.A, 1958; Cooperativa de Crédito Agroindustrial Ltda; e, Banco do Rio Grande do Norte S.A, de 1965 (FELIPE, 1982).

Estas transformações se inserem no contexto do ‘desenvolvimentismo’, que no Brasil toma corpo com as mudanças e redefinições socioeconômicas realizadas pelo governo Getúlio Vargas, na década de 1930, período e ocorrências também definidas como ‘revolução’. Toda uma ideologia é elaborada para difundir os preceitos da modernidade que a industrialização, componente simbólico do período, proporcionaria. Porém, com a chegada da década de 1960 o processo agroindustrial entra em crise, numa tendência em todo o Nordeste. As principais razões foram a política creditícia a partir de 1964 (ano de início da ditadura militar no Brasil), os avanços tecnológicos que promoveram a substituição de boa parte dos produtos processados na região, como foi o caso dos fios sintéticos que substituíram o algodão, outro caso foi a produção de óleo de soja que toma o lugar do óleo de semente de algodão e de oiticica, também o desenvolvimento de materiais sintéticos que substituem a cera de carnaúba.

Juntamente com tais mudanças acontece uma significativa alteração na produção do sal. Boa parte desta indústria é absorvida pela indústria química de capital internacional, que impõe uma marcante redefinição de sua atuação, num processo de mecanização e agregação de maquinário e equipamentos que deixa grande quantidade de trabalhadores desempregados. O

que traz à reboque mais implicações para a crise econômica e social que acontecia, impondo seus traços no espaço urbano.

A crise da agroindústria foi o resultado destas redefinições. Com tal crise, novas condições são postas e à cidade é exigida mudança no processo de produção econômica, a começar do final da década de 1960. É desta nova ocorrência que vai se fundamentar um novo estágio ou fase econômica na cidade, conhecida com terciário, em razão do predomínio das atividades de serviço em que se assentou. A origem dos capitais para sua estruturação é dada pelas reservas acumuladas pelos empresários industriais da fase da agroindústria, porém grande ênfase também é dada aos investimentos e financiamentos do setor público, que custeiam obras e oferta de serviços que foram disponibilizados à população.

É destacada em Mossoró, como resultado deste momento, a criação das instalações da FURRN (atual UERN), ESAM (atual UFRSA) e do INPS (atual INSS). Também foi ampliada a rede pública de ensino e a oferta de serviços de saúde, com a construção de hospitais. Outra ação, originada do governo federal foi a inclusão de Mossoró no Programa de Cidades de Porte Médio.

O Programa Nacional de desenvolvimento Urbano para Cidades de Porte Médio compôs boa parte da oferta de serviços estruturais recebida pela cidade neste período. Com ele foram construídos o terminal rodoviário, muitos conjuntos habitacionais, além da ampliação de serviços bancários e assistenciais à população mais pobre. Os efeitos dessas ações no espaço urbano foram significativos como o impulso da expansão urbana, principalmente para a extensão da cidade nos sentidos noroeste e sudeste. Também se tornou presente a especulação imobiliária, principalmente nestas áreas de expansão.

O incremento econômico resultante desta dinâmica proporciona alguns efeitos na reprodução do espaço da cidade. Um deles é a contraditória desigualdade socioespacial, constituída, entre outras razões, da ausência do acompanhamento desta evolução através de políticas públicas (ELIAS e PEQUENO, 2010), ação que, se tivesse sido exercida, teria legitimação em razão do respaldo das legislações de ordem nacional e municipal em vigor. Assim, embora sejam expressivos os indicadores da produção e crescimento econômico no município, se expande espacialmente a fixação da desigualdade e segregação sociais, manifestadas a partir de muitos aspectos como o aumento de favelas e sua população, a

precariedade da infraestrutura urbana principalmente nas áreas mais pobres da cidade, assim como a disponibilidade e acesso aos serviços essenciais.

Desde a década de 1980 a cidade de Mossoró assume novos papéis na divisão internacional do trabalho com ramos produtivos modernos com visíveis reflexos socioespaciais. É nesse contexto que este centro se tornou importante produtor de petróleo, centraliza significativa produção de sal e participa da produção do agronegócio (SANTOS e ELIAS, 2010; PEQUENO e ELIAS, 2010).

A intensificação produtiva destas atividades proporciona estímulos à economia local o que viabiliza, também, o aumento da demanda pelos diversos e variados serviços que se agregam ao seu espaço. No presente esta demanda tem alcance regional, considerando, principalmente as especialidades disponíveis dos mesmos. Também tem destaque o consumo produtivo por parte dos empreendimentos de produção, assim como o consumo consuntivo. Tal movimento favorece o aquecimento do comércio e serviços em geral, dotando a cidade de mais uma referência de atividade econômica que tem alcance regional.

A questão da localização de Mossoró se mantém como característica, o que é possível de se confirmar na literatura sobre os aspectos da cidade. Até o período econômico conhecido como agroindustrial, que perdurou até meados do século XX, a localização situada entre o litoral e o sertão foi enaltecida como importante responsável pela hegemonia econômica e espacial adquirida. Atualmente é destacada a localização sob outro aspecto, agora é enfocada sua situação entre duas capitais estaduais, Fortaleza-CE e Natal-RN, onde para elas a ligação é feita pela BR 304 que a atravessa e passa por sua zona urbana. Esta via é definida como corredor de oferta de serviços e comércio para as atividades de fruticultura irrigada, da extração do sal e do petróleo (SANTOS e ELIAS, 2010).

Assim o espaço urbano da cidade reflete esta dinâmica em sua complexidade. De um lado a presença de áreas estruturadas e bem servidas por serviços essenciais, de outro as limitações e déficits destes componentes. É a coexistência na realidade urbana destes paradoxos que, mesmo no seu caráter particular, a cidade Mossoró se contextualiza na problemática urbana característica do país.

Os números do primeiro levantamento demográfico realizado na cidade no ano de 1873, logo após sua emancipação política, ocorrida em 1870. Embora com restrições, os números descrevem que a cidade possuía 1.270 residências, somando 7.748 habitantes. É importante lembrar que era o período do empório comercial que, conforme aborda a literatura, se tratava de uma ocorrência que cada vez mais afirmava o lugar na divisão territorial nacional e até internacional do trabalho. Mas tal distinção regional não representava garantias de privilégios ou grandes transformações nas condições de vida à sua população.

Uma outra contagem censitária foi realizada em 1922, ou seja, quase cinquenta anos depois deste último relatado. Neste período e, de acordo com os números apontados, é possível compreender, em síntese, que os desníveis sociais eram um aspecto inerente da evolução espacial da cidade. A população da cidade, nesta contagem, era de 20.300 habitantes, que moravam em 1.872 casas, sendo 840 de tijolo e telha e 1.032 de taipa e telha que, por sua vez, estavam distribuídas em 30 ruas, 12 praças, 5 travessas e uma avenida (FELIPE, 2001). Neste período do censo, bem mais da metade das casas eram de pau-a-pique, o que denota que o quadro social específico em que se compunha o lugar era hegemonicamente de pobres, permitindo a interpretação de que a ocupação do espaço da cidade por este segmento social se configurava especificamente com características que lhes permitia distinção. Neste período acontecia a transição econômica entre o decadente empório comercial e sua nova fase ou etapa de produção econômica, baseada na industrialização de matérias-primas locais, a qual produzia substratos e produtos que eram predominantemente fornecidos à região sudeste do país. Assim o espaço urbano é organizado pelos comerciantes locais, considerados então como a elite social, sendo esta que articula as condições para a formação deste novo período produtivo, cujos esforços para manter as condições de hegemonia regional são mantidos. É daí que se dá a afirmação da em que se estabelece o centro comercial como área nobre da cidade, que passa a ser dominada por este segmento social, inclusive para o assentamento de suas moradias (FELIPE, 1988).

Os indicadores demográficos das últimas décadas, embora insuficientes para justificar os problemas sociais existentes na cidade, contribuem para a compreensão da complexidade contida neste espaço urbano, principalmente quando junta-se a isso o aspecto da centralidade regional que lhes condiciona uma preponderância espacial baseada numa rede de lugares, cuja abrangência mantém-se considerável nas últimas décadas. Estas características endossam

muitos argumentos de quem estuda Mossoró e propõe teorizar a cidade sob o ângulo de cidade média.

A tabela abaixo mostra o crescimento demográfico de Mossoró e sua respectiva taxa de urbanização, denotando os períodos de maior expressão, a partir dos dados numéricos.

Evolução demográfica e taxa de urbanização de Mossoró de 1940 a 2010

Ano	População absoluta	População urbana	População rural	Taxa de urbanização (%)
1940	31.515	13.730	17.785	43,56
1950	40.681	20.088	20.593	49,37
1960*	50.690	41.476	16.214	81,82
1970**	97.245	79.509	17.736	81,76
1980	145.989	122.861	23.128	84,15
1991	192.267	177.331	14.936	92,20
2000	213.845	199.081	14.760	93,10
2010	259.815	237.241	22.574	91,31

Fonte: IBGE

* Inclui a população dos atuais municípios de Governador Dix-sept Rosado, Baraúna e parte da população do município de Serra do Mel.

** Inclui a população do atual município de Baraúna e parte da de Serra do Mel.

De acordo com esses números, a partir da década de 1960 o setor urbano mossoroense assume preponderância espacial no tocante ao número de habitantes, principalmente pela centralização dos processos econômicos a partir da produção agroindustrial e da atividade comercial que mantinha crescimento constante. A atividade agrícola tinha sua participação, porém na medida em que Mossoró consolidava sua participação na divisão interregional do trabalho, a partir da articulação regional produtiva do país, a ênfase no espaço urbano e sua capacidade de articular e determinar os movimentos econômicos, que tinha sido iniciado desde a década de 1930, mantinha-se, e era decisiva aos que buscavam sobressair no economia do

país. É a partir desta década que a taxa de urbanização ultrapassa o índice de 80% da população, ao mesmo tempo em que o crescimento demográfico também se acentua.

Essa expansão demográfica de Mossoró foi, considerando os indicadores de média, superior a do Brasil, nas últimas décadas do século XX. Conforme aponta a tabela acima, de 1970 à 2000 a sua população urbana vai de 79.302 para 199.081 habitantes, o que revela um crescimento de 119.779 pessoas, isto é, uma aumento de 151%, o que dá um crescimento de 2,5 vezes da população urbana (ELIAS e PEQUENO, 2010).

Nosso interesse em referenciar estes dados demográficos é reunir aspectos e fundamentos que contribuam para a justificativa da ênfase espacial alcançada por Mossoró na atualidade, seja no âmbito interno para mostrar a evolução da complexidade espacial, seja no externo ao denotar a expansão de sua abrangência espacial. Sem esquecer que ambas as escalas têm complementaridades. Esta elaboração tem possibilidade de contribuir com a argumentação da importância histórica da cidade a ponto de ajudar na definição do crescimento econômico local enquanto um processo contraditório, em razão do seu caráter excludente. Sua constituição não inibe a geração de pobreza e até sua expansão, o que pode comprometer o acesso da população a direitos elementares como o acesso à habitação. Temos ciência do sentido e do significado que podem assumir os indicadores estatísticos. É notória a necessidade de compreendê-los enquanto informação de conteúdo permanentemente relativo, principalmente pelo sentido momentâneo que conduz de um traço da realidade. Santos (2009) propõe situar estes indicadores numa condição que viabilize sua interação com outras variáveis, no propósito de seu dimensionamento. Assim diz:

A definição de pobreza deve ir além dessa pesquisa estatística para situar o homem na sociedade global à qual pertence, porquanto a pobreza não é apenas uma categoria econômica, mas também uma categoria política acima de tudo. Estamos lidando com um problema social (SANTOS, 2009, p. 18).

O crescimento demográfico de Mossoró, em seus diferentes momentos, é também reflexo das fases ou períodos específicos que se desenvolvem a partir de sua autonomia política. Isso porque essa evolução populacional contribui para explicar a expansão urbana da cidade e suas tendências conforme os fatores de influência agregados ao processo, como a produção econômica, as definições políticas, etc.

É importante lembrar que a cidade mantinha sua reprodução espacial na margem esquerda do rio Apodi-Mossoró, ainda não havia condições estruturais para a expansão urbana ocupar a outra margem. Somente em meados da década de 1940 a margem direita do rio tem viabilizada sua inserção na dinâmica urbana da cidade quando, em 1946, é inaugurada a ponte Jerônimo Rosado. Se trata de mais um momento da extensão do espaço urbano, agora numa direção que ainda não havia tendência efetiva, ocasião em que a periferia encontra mais um espaço para ocupação.

Como destaca Felipe (1982), o efetivo dispensado pelas salinas superou o número de dois mil trabalhadores que, juntamente com seus dependentes, ultrapassava o número de dez mil pessoas. E completa afirmando: “Em 1969 representa 18,2% da população do município de Mossoró, passa a construir suas casinhas de taipa, originando bairros como a Baixinha, barrocas e parte dos paredões, bairros que até hoje carecem de infraestrutura.” (FELIPE, op. cit., p. 74).

Era mais uma frente de expansão da periferia que moldava o espaço da cidade, consolidando sua fixação. No aspecto social as fragilidades eram inegáveis, pois expressiva parcela da população, conforme relata a literatura, ainda tinha como base de seu sustento a produção sazonal do sal, algodão e outros produtos agrícolas, sendo o espaço e sua organização, o reflexo desta situação.

Na década de 1960 ainda ocorre o crescimento urbano para muitas direções. Um setor deste espaço formado pela migração de famílias oriundas de cidades da região oeste do Rio Grande do Norte dá origem ao bairro Boa Vista que na sua origem situava-se fora do perímetro urbano da cidade. Ainda nesta década novas porções deste setor oeste da cidade são ocupadas, dando origem a posse de áreas dos atuais bairros Belo Horizonte, Lagoa do Mato, assim como de trecho popularmente conhecidos como Vaca Morta e Alto do Xerém. Estes setores são predominantemente formados por famílias pobres, grande parte migrantes de outras cidades. Já na década de 1970 é formado o loteamento Nova Betânia, área ainda situada no oeste da cidade e eleita pela classe média para servir de base para sua habitação, o que serve de referência para justificar seu enobrecimento até hoje.

Conforme já afirmamos, a década de 1970 é o tempo da transição para mais uma fase econômica que a cidade ocuparia. Com a crise da agroindústria, há uma busca de afirmação socioeconômica em atividades que pudessem viabilizar o sustento da mão de obra então disponível e assim dar direção proveitosa ao dinamismo da cidade. Uma nova tendência de

investimentos públicos e privados no setor de serviços passa a estimular, com o tempo, sua economia. É em razão destes novos movimentos que este centro urbano continua a atrair significativa quantidade de migrantes que buscam empregos na cidade, considerada grande, e passam a ocupar as vagas que são oferecidas nas inúmeras atividades ofertadas. A centralidade regional que Mossoró possui passa a ser cada vez mais expressiva, o que é demonstrado pelos estudos do IBGE (IBGE, 2008).

Neste período é muito acentuado o volume de investimentos públicos para a oferta de serviços e na consolidação da infraestrutura. São construídos também, para isso, conjuntos habitacionais em setores da periferia, que também são importantes na estruturação da cidade e na disponibilidade de casas para a população, que cresce significativamente. É daí que são erigidos os conjuntos Abolição, Inocoop, Santa Delmira, entre outros.

Como indutores da dinâmica econômica local, iniciados desde meados da década de 1970, com os incentivos da SUDENE, são estabelecidos a empresa de produção fruticultora MAISA (Mossoró Agro-industrial S.A.), assim como a abertura dos trabalhos de produção de petróleo da Petrobras, além da intensificação da atividade salineira e de outras atividades industriais. Contudo, tal dinamismo e diversidade de atividades econômicas chegam ao presente estabelecendo seus reflexos permitindo às forças políticas gestoras do município ostentar os indicadores econômicos resultantes como declarações de competência e sucesso, enquanto os sinais e traços de pobreza, exclusão e miséria também estão inseridos no mesmo contexto. Assim denota-se que o espaço da cidade, além das inegáveis prerrogativas econômicas que revelam crescimento, traz imbuída em sua composição, paradoxos e contradições compostos de vivências sociais, como veremos adiante. A realidade habitacional é um claro exemplo.

Considerações finais

Os processos que envolvem a formação do espaço urbano são complexos. Esta consideração é lembrada pelos estudiosos da cidade. Este artigo fez uma síntese da formação urbana de Mossoró na história. Para isso, relacionou um contexto de atividades econômicas em que muitas se definiram décadas antes da emancipação política local, mas foram importantes na sua constituição porque estabeleceram fundamentos socioespaciais para a unificação deste

centro. Estes fundamentos não se restringem aos econômicos, não obstante estes se constituírem como preponderantes, em muitos aspectos, para esta situação. Mas neste texto fez também uma consideração dos aspectos e componentes sociais, decisivos, inclusive, para mover a economia.

Neste propósito, embora seja necessário enfatizar que Mossoró é um centro regional que tem influências econômicas e sociais, no presente, que vão além das fronteiras do estado do Rio Grande do Norte, a cidade tem também como marca inerente um complexo processo de desigualdades sociais que são visíveis na sua morfologia e na sua dinâmica. E estas características acompanham, na história da cidade, toda a reprodução espacial em suas sucessivas fases. Assim, tivemos o interesse de buscar alternativas de referências bibliográficas que pudessem fundamentar nosso propósito.

Referências

ELIAS, Denise; PEQUENO, Renato. Mossoró: o novo espaço da produção globalizada e aprofundamento das desigualdades socioespaciais. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro (Orgs.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 101-283.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar: os Rosados e o “país de Mossoró”**. João pessoa, PB: Grafset, 2001.

_____. **Organização do espaço urbano de Mossoró**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque; Coleção Mossoroense, Série C, Volume CCXXXVI, 1982.

_____. **Elementos de geografia do RN**. Natal, RN: Editora Universitária da UFRN, 1988.

FERNANDES, Edésio. Do código civil ao Estatuto da Cidade: algumas notas sobre a trajetória do direito urbanístico no Brasil. In: VALENÇA, Márcio Moraes (Org). **Cidade (I)legal**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE). **Regiões de influência das cidades (Regic)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste, planejamento e conflito de classes**. 3. Ed.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEQUENO, Renato; ELIAS, Denise. Tendências de urbanização e os espaços urbanos não metropolitanos. In: **Cadernos Metr pole/Observatório das Metr poles**. V. 12, n  24, p. 441-65, 2010.

PINHEIRO, Karisa Lorena Carmo Barbosa. **Processo de urbaniza o de Mossoró**: histórico da expansão urbana da cidade de Mossoró desde 1772 até os dias atuais. Natal, RN: Editora do CEFET-RN, 2008.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão urbana de Mossoró (período de 1980 a 2004)**: geografia dinâmica e reestrutura o do território. Natal, RN: EDUFRN. Editora da UFRN, 2005.

SANTOS, AngelaMoulin S. Penalva. **Urbaniza o brasileira: um olhar sobre o papel das cidades m dias na primeira década do século XXI**. In: Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Volume 12, n  02, Novembro de 2010. p. 103-18.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. Ed.- São Paulo: Editora da Universidade de são Paulo, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed.- São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **O espaço do cidadão**. 4. ed.- São Paulo: Nobel, 1998.

_____. **Espaço e método**. 5. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

_____. **A urbaniza o brasileira**. 5. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

_____. **Pobreza urbana**. 3. ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SILVA, Raimundo Nonato da. **Evolu o urbanística de Mossoró**. Mossoró,RN: Cole o Mossoroense, 1975.

SINGER, Paul. O uso do solo urbano na economia capitalista. In: MARICATO, Erm nia (Org.). **A produ o capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2. Ed.- São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente, SP: Gasperr, 2001. p. 609-43